

A ASCENÇÃO DA MARINHA IMPERIAL ALEMÃ COM O DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA ARMA: O SUBMARINO



Primeiro-Tenente João Pedro Lousada Maggesi

“A nation, as we have already shown, cannot live indefinitely off itself, and the easiest way by which it can communicate with other peoples and renew its own strength is the sea.” (“Uma nação, como já mostramos, não pode viver indefinidamente de si mesma, e a maneira mais fácil de se comunicar com outros povos e renovar suas próprias forças é o mar.” – tradução livre) Alfred Thayer Mahan

No final do século XIX, influenciado pela obra do almirante americano Alfred Mahan, *The Influence of Sea Power Upon History 1660-1783*, o então imperador alemão Wilhelm II fez com que o aumento da capacidade da Alemanha nos oceanos se tornasse uma de suas maiores prioridades. Para essa tarefa, tendo ao seu lado o almirante Alfred von Tirpitz, deu início às construções de uma frota de alto mar que tinham como objetivo atingir a paridade ou até mesmo superar a imbatível Marinha Real Britânica. A ideia de conquistar os espaços marítimos e assim conquistar o mundo se fortaleceu nas mentes das autoridades navais alemãs, e a arma submarina teria um papel importante nessa caminhada.

Os primeiros submarinos da classe *U-boat* foram construídos e entregues à Marinha Alemã a partir de 1902. Segundo o escritor Gordon Williamson, os vinte primeiros *U-boats* teriam feito parte de uma etapa experimental da ainda embrionária engenharia submarina alemã, período que foi marcado por um grande número de acidentes. Diversos aspectos deveriam ser aprimorados para que a navegação se tornasse mais segura, os dispositivos de lançamento de torpedos, mais eficientes, e a estabilidade do navio melhorasse quando debaixo da superfície da água. Em 1912 surgiram os primeiros equipados com motores a diesel de dois tempos (*U-19*, *U-20*, *U-21* e *U-22*). Estes eram os mais novos elementos da guerra no mar e impuseram alto nível de preocupação nas bancadas bri-

tânicas, principalmente com a eclosão da Grande Guerra se aproximando.

No início da Primeira Guerra Mundial, travar batalhas em alto mar com os imponentes encouraçados ainda era um pensamento que se sobressaía perante as demais táticas de combate, e os submarinos eram utilizados apenas em missões de patrulha costeira e escolta de navios de superfície. Em contrapartida, as perdas materiais e humanas durante embates dessa magnitude eram enormes para ambos os lados, já que, num período em que o caos toma conta do mundo, os líderes necessitam da máxima prontidão de suas nações, tanto no campo industrial como no campo militar, podendo dessa forma defender seus interesses e aspirações.

A confiança na utilização de submarinos como verdadeiros agentes beligerantes de reconhecimento e ataque começou a aumentar após os feitos do comandante Otto Hersing, então comandante do submarino *U-21*. Hersing recebeu a missão de patrulhar ao longo da costa britânica, com o objetivo de localizar navios de transporte ingleses que navegavam rumo à Bélgica, e reportar toda movimentação ao serviço de inteligência alemã sem ser detectado. Após lograr êxito e retornar sem avarias a sua



Figura 1: Submarinos alemães atracados em linha, 1914. Fonte: <https://www.alamy.com>.



Figura 2: Comandante Otto Hersing (U-21).

Fonte: <https://uboot.net/wwi/men/commanders/123.html>.

sede, o comandante Hersing conseguiu a atenção das autoridades e conquistou espaço para mostrar que o uso dos submarinos na guerra marítima não ficaria em segundo plano. Em setembro de 1914, Hersing ataca um navio de guerra inglês, o cruzador HMS Pathfinder, afundando-o com um único tiro torpédico, fato que entrou para a

história, fortalecendo a concepção de submarino como uma máquina de guerra.

Ainda durante a Primeira Guerra Mundial, uma nova classe de submersíveis surgiu de forma a ampliar o emprego desses meios. Os *UB-I* eram equipados com lançadores de minas e tinham o Mar do Norte como principal teatro de operações. Seus cordões de minagem dificultavam o transporte de tropas britânicas para a costa francesa, fazendo com que os Aliados repensassem suas estratégias e refizessem seus planejamentos, levando em consideração um amplo campo minado posicionado pelos alemães.

Apesar dos desenvolvimentos em relação aos submarinos, vale ressaltar que o dia a dia de suas tripulações era, por si só, uma batalha. Os marinheiros viviam em condições extremamente precárias, expostos diuturnamente a gases tóxicos de descarga, altas temperaturas dos equipamentos e espaços reduzidos. Suas limitações operativas obrigavam que a navegação fosse grande parte na superfície, fato que aumentava a probabilidade de detecção por aeronaves e outros navios de guerra. A velocidade quando mergulhado era baixa, com isso, após desferir ataques a comboios e navios-escolta, sua evasão necessitava de um planejamento muito eficiente para evitar que a resposta das forças inimigas fosse fatal.

Naturalmente, com o decorrer da Grande Guerra, novas táticas e estratégias foram impostas pelos submersíveis, explorando ao máximo seu poder de ocultação. O

almirantado da Marinha Imperial Alemã tinha convicção do sucesso na utilização de seus submarinos nos mais variados cenários e aproveitava as fracas e ineficazes medidas antissubmarinas impostas pelos Aliados nos anos iniciais do conflito, que negligenciaram o poder bélico que vinha debaixo do mar.

Os alemães investiam cada vez mais na construção e na modernização dos submarinos, apresentando novas classes, como os *UB-II* e os *UC*, aumentando exponencialmente sua frota. Novas frentes de batalha surgiam com o aumento da autonomia dos meios, e as ofensivas submarinas germânicas se tornaram mais frequentes, com ataques irrestritos aos navios Aliados, tanto de guerra quanto os mercantes de carga. A guerra de corso se intensificou, e as perdas, principalmente de navios ingleses, atingiam números catastróficos.

As esperanças alemãs começaram a cair após a entrada dos Estados Unidos da América (EUA) na guerra, ponto em que as retaliações dos Aliados frente aos ataques germânicos ficaram cada vez mais contundentes. Diante da derrota iminente, em outubro de 1918, as autoridades navais alemãs ordenaram o encerramento de toda atividade submarina da Marinha Imperial. Após a assinatura do Armistício, em 11 de novembro de 1918, a Alemanha possuía cerca de 170 submarinos prontos para emprego no mar. Pode-se concluir que os sucessos das operações conduzidas por submarinos durante a Primeira Guerra Mundial foram um fator preponderante para que os EUA entrassem e mudassem por completo o rumo final do conflito.



Figura 3: Afundamento do RMS Lusitania.

Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/fotos/topical-press-agency>.



REFERÊNCIAS

FRITH, A. **Submarines**. London: Usborne Publishing, 2011. 80 p.

KELLY, P. J., **Tirpitz and the Imperial German Navy**. Indiana: Indiana University Press, 2011. 585 p.

MAHAN, A. Thayer. **The Influence of Sea Power upon History 1660-1783**. Boston: Little, Brown and Company, 2020. 640 p.

SUBMARINE History – The New Navy. [S. l.]: **Globalsecurity.org**. [20--]. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/systems/ship/sub-history4.htm>. Acesso em: 7 abr. 2023.

WILLIAMSON, Gordon. **U-boats of the Kaiser's Navy**. Oxford: Osprey Publishing, 2002. 48 p.

WWI U-BOAT TYPES. **Uboat.net**. Disponível em: <https://uboat.net/wwi/types/>. Acesso em: 7 abr. 2023.